



UEMS NA ROTA BIOCEÂNICA: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DAS VULNERABILIDADES SOBRE IST ENTRE MULHERES DE 18 E 45 ANOS

Instituição: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Área temática: Ciências da Saúde » Medicina » Clínica Médica

NOME DOS AUTORES:

SARTORI, Isabele Trevizan (isabeletsartori@hotmail.com)¹;

FERRI, Erika Kaneta (erika@uems.br)¹.

¹ Faculdade de Medicina Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS - Brasil

RESUMO: A Rota Bioceânica objetiva interligar o acesso rodoviário do Brasil ao Oceano Pacífico, escoando, assim, a produção para a exportação. Além de desenvolver as regiões por onde passa, coloca em questão a saúde dessas localidades, pelo maior fluxo de pessoas, tendo como Campo Grande- MS a cidade que inicia tal rota. Somado a isso, as Infecções do Trato Reprodutivo (ITR) englobam as IST, as infecções iatrogênicas e as infecções endógenas. Voltando-se às IST, afirma-se que sua transmissão ocorre através do contato sexual de vários microrganismos, seja ele vaginal, anal e/ou oral, sem o uso de preservativos com uma pessoa infectada. Ainda é cabível elencar a possibilidade da transmissão vertical. Sendo assim, o desenvolvimento de tal projeto objetivou analisar a percepção das vulnerabilidades sobre IST entre mulheres de 18 a 45 anos. Portanto, tal função foi atingida pela pesquisa exploratória e descritiva de natureza qualitativa, que objetivou colher variados pontos de vista, através da seleção de participantes com uma amostragem não probabilística, no qual apresentou uma amostra de conveniência, almejando entrevistar, no mínimo, 6 pacientes que estavam na UBSF Tarumã por outros motivos no momento da coleta de dados. Essa metodologia foi alcançada com a elaboração de um roteiro estruturado, objetivando ter um norte comparativo entre cada conversa. Ao fim, foi possível realizar 12 entrevistas, com a idade das entrevistadas variando entre 23 e 42 anos, com a maioria compreendida entre 28 e 36 anos. Três delas eram gestantes, na qual uma não sabia dizer o que era IST e outra não sabia exemplificar. Vale salientar que foi desconsiderada as outras respostas da paciente que não tinha o conhecimento dessas infecções. 3 apresentavam o ensino médio incompleto, 2, ensino médio completo e 7, ensino superior incompleto. Todas as pacientes que não tem parceiro fixo afirmaram fazer uso de meios de proteção contra as IST, o oposto também é válido. Além disso, foi consenso de que o sexo desprotegido aumenta a chance de infecção. Houve dúvida em 6 entrevistadas sobre a correlação entre de já ter tido IST e uma maior chance de ter uma nova infecção, sendo tal afirmativa positiva para outras 3 e negativa para 2. Quatro mulheres pensam que um único parceiro diminui a chance de ter uma IST, 7 entrevistadas disseram ser relativo. Somado ao fato de ser unânime em dizer que as IST são doenças graves e que todas realizariam o correto tratamento e informariam o seu parceiro. Por fim, apenas uma das entrevistadas já necessitou de tratamento para essas infecções. Portanto, é de importante consideração voltar a atenção para a faixa populacional com menos anos de estudo, pois nota-se que a mesma apresenta mais dúvidas e questionamentos, além de atenção ao grupo das gestantes. Por fim, e não menos importante, visualiza-se a necessidade de conscientização sobre o cuidado do casal.

PALAVRAS-CHAVE: Doenças sexualmente transmissíveis, ginecologia, sexualidade.

AGRADECIMENTOS: Agradeço à CNPq/UEMS pelo apoio financeiro.